

MOEDA, ICONOGRAFIA E PROPAGANDA NA ANTIGUIDADE IBÉRICA

COINAGE, ICONOGRAPHY, AND PROPAGANDA IN IBERIAN ANTIQUITY

Claudio Umpierre Carlan*

carlanclaudio@gmail.com

RESUMO: O artigo começa com uma apresentação da numismática e a iconografia, como documentos alternativo, analisando as questões políticas relativas ao mundo romano, na Península Ibérica, durante o governo de Constantino I, o grande. Enfatiza-se nessa discussão, a importância do uso de uma variedade de fontes: iconográficas, arqueológicas. Usando como fonte iconográfica a coleção numismática do acervo do Museu Histórico Nacional / RJ, analisamos a imagem como uma fonte de propaganda, legitimando o poder imperial.

PALAVRAS-CHAVE: moeda; império; iconografia; poder; política.

ABSTRACT: The article begins with a presentation of numismatics and iconography as alternative documents, analyzing the political issues related to the Roman world in the Iberian Peninsula during the reign of Constantine I, the Great. This discussion emphasizes the importance of using a variety of sources: iconographic and archaeological. Using the numismatic collection of the National Historical Museum / RJ as an iconographic source, we analyze the image as a source of propaganda, legitimizing imperial power.

KEYWORDS: currency; empire; iconography; power; politics.

O Museu Histórico Nacional e a Numismática

O Museu Histórico Nacional, localizado próximo à Praça 15, na cidade do Rio de Janeiro, possui a maior coleção numismática da América Latina. O acervo do Museu passa das 130 mil moedas, desde a primeira cunhagem, realizada na Lídia, no século VII a.C., até o euro. Além disso, existem outras peças em exposição, como as carroças dos séculos XVII, XVIII, XIX; as armas e medalhas do período imperial; e o fabuloso Pátio dos Canhões.

A numismática pode ser considerada “uma disciplina das ciências sociais” (FLORENZANO: 1984; 11). Ligou-se tradicionalmente ao estudo da História, sobretudo a História Política, ajudando a estabelecer a cronologia de reinados e a datar fatos importantes da política; à Economia, informando sobre o valor das moedas dentro dos diferentes sistemas monetários, sobre desvalorizações e período de crise, sobre os comportamentos em relação à moeda, permitindo examinar, no passado, a aplicação das leis econômicas; à Arqueologia, contribuindo para auxiliar a datação de estratos e sítios arqueológicos; e à História da Arte, permitindo, através de seus tipos, uma análise da evolução dos estilos e o reconhecimento de obras desaparecidas ou conhecidas somente por meio de textos literários (VIEIRA: 1995; 94).

* Doutor em História pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Mestre em História Social pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Professor do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História Ibérica da Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG). Agradeço à FAPEMIG pelo apoio recebido mediante o projeto de Internacionalização APQ-05218-23.

A moeda tem sido estudada sob o prisma de mercadoria, objeto de troca. Procurou-se ligá-la com a história social, ou seja, com os reflexos que a mutação monetária produzia na sociedade a nível de salários, custo de vida e os consequentes comportamentos coletivos perante estes. Tem preocupado mais com o corpo econômico e social que ela servia do que com o metal que a produzia e a informava. Estruturalmente este ultrapassava os limites geográficos do poder que a emitia e definia ideologicamente não só um povo, mas também a civilização a que este pertencia.

Nós mesmos, muitas vezes, não conseguimos ligar a moeda a um meio de comunicação entre povos distantes. Ficamos presos as simples trocas econômicas e acordos comerciais.

Ao possuidor de uma determinada espécie monetária estranha, esta falava-lhe pelo metal nobre ou não em que era cunhada, pelo tipo e pela legenda. O primeiro informava-lhe a riqueza de um reino e os outros dois elementos diziam-lhes algo sobre a arte, ou seja, o maior ou menor aperfeiçoamento técnico usado no fabrico do numerário circulante, sobre o poder emissor e, principalmente, sobre a ideologia político-religiosa que lhe dava o corpo. Dentro deste último aspecto que pretendemos explorar a fonte numismática.

Para Pastoureau, a “escrita circular”, as legendas monetárias são pouco estudadas. Elas foram vistas e manuseadas por indivíduos das mais variadas condições sociais (PASTOUREAU: 1988; 125). Mas o texto tocado pelas pessoas, não significa que foi lido. O autor pretendia dar uma maior importância às inscrições do que o tipo da moeda, representado no reverso, no qual estaria localizado o maior número de informações em um pequeno espaço.

Nesse sentido, realizaremos uma análise iconográfica das cunhagens do Imperador Constantino I (272-337), que organizou uma série de reformas no império romano do século IV.

Era Constantiniana: um período de reformas

Caius Flavius Valerius Aurelius Constantinus ou simplesmente Constantino I, o Grande, nasceu em Naissus (Nis) entre 270 e 288, faleceu em Nicomédia no ano de 337. Era filho de Constâncio Cloro (ou Claro, membro da tetrarquia de Diocleciano) e de sua concubina Helena. Ela, anos mais tarde será canonizada pela Igreja Católica Romana e Ortodoxa Grega, pois, segundo a tradição, em uma peregrinação a Jerusalém, teria encontrado a cruz em que Jesus Cristo foi crucificado, sendo, até os dias atuais, considerada a padroeira dos arqueólogos.

Criado na Corte de Diocleciano, na parte Oriental do Império, como refém, caso seu pai não permanecesse fiel ao regime, desde cedo ganhou a admiração dos soldados pelas suas qualidades militares. Fugindo de Nicomédia, ingressou nas legiões comandadas por Constâncio Cloro. Com a morte deste, foi aclamado pelo exército no ano de 306 como *Augusto*, governante de maior prestígio, prática muito comum durante os séculos III e IV. Mas Galério (genro de Diocleciano) concedeu-lhe apenas o título de *César* (espécie de auxiliar do *Augusto*, subordinado ao governante/imperador). No ano seguinte Constantino se fez ser reconhecido *Augusto* pelo outro tetrarca Maximiano, cuja filha, Fausta, desposou.

Graças às intrigas entre os sucessores dos primeiros membros da tetrarquia (Diocleciano, Galério, Maximiano, Constâncio Cloro), o Império Romano contava com sete imperadores. Com a morte de Maximiano em 310 (forçado ao suicídio por Constantino) e de Galério em 311, Constantino aliou-se a Licínio (casado com sua irmã Constância), marchando sobre Roma em 312; no lendário episódio da Ponte Mílvia, em 324 manda executar Licínio. O Império volta a ter um único senhor (CARLAN: 2013; 87).

A obra religiosa de Constantino é de fundamental importância, pois levou o estabelecimento de um Império Cristão. A tradição cristã diz que, pouco antes de entrar em combate contra Maxêncio, Ponte Mílvia, o imperador “rezava e fazia frequentes súplicas”, segundo o seu amigo e biógrafo Eusébio de Cesareia (EUSEBIUS: 1902; capítulo 5, p. 21), onde surgiu um sinal divino no céu: as iniciais da palavra Cristo em grego (*XPTO*), acompanhada da inscrição *hoc signus vinces* (com esse sinal vencerás). Constantino teria mandado pintar o sinal nos escudos dos soldados, vencendo assim a batalha. Segundo o retórico cristão Lactâncio (1954: Capítulo 28, p. 126), contemporâneo de Eusébio de Cesareia, a visão de Constantino ocorreu durante o sono, pouco antes do combate. Lembramos ainda que; Eusébio escreveu a sua obra em grego e Lactâncio em latim.

O novo imperador mandou cunhar uma série de moedas que lembravam este fato. Outros governantes, séculos mais tarde, “copiaram” o modelo constantiniano cunhando peças com a mesma legenda e iconografia, como por exemplo D. Manoel, o Venturoso, de Portugal; D. Pedro I e D. Pedro II do Brasil (CARLAN: 2013; 26).

De fato Constantino tinha inicialmente uma religião solar, de tendência monoteísta, culto ao sol ou *sol invictus* (também representado em suas amoedações). Ele se considerava inspirado por um deus único, mas mal definido, e mantinha as funções de *pontifex maximus* (chefe sacerdotal ou chefe da religião, a partir de 391 título do Bispo de Roma ou Papa) e mestre do paganismo.

Funari define essa suposta conversão de Constantino como um jogo político. Segundo o autor:

“(...) Assim o imperador Constantino concedeu aos cristãos, por meio do chamado Edito de Milão, em 313, liberdade de culto. Em seguida, esse mesmo imperador, procurou tirar vantagem e interveio nas questões internas que dividiam os próprios cristãos e convocou um concílio, uma assembleia da qual participavam os principais padres cristãos. Nos Concílios foram discutidos as diretrizes básicas da doutrina cristã. Depois Constantino cuidou pessoalmente para que as determinações do concílio fossem respeitadas, ou seja, passou a ter um controle muito maior dos cristãos e suas ideias. Antes de morrer, o imperador resolveu batizar-se também.” (FUNARI, 2002, p. 131).

Durante todo o seu reinado, dedicou-se a reformar profundamente o Império. Modificou a composição do senado, cujo conselho estava composto por 600 membros, aumentando para 2000 magistrados. Outra inovação foi a reforma da prefeitura do pretório: os comandantes da guarda imperial se converteram em altos funcionários provinciais, dotados de amplos poderes civis, responsáveis de manter a ordem pública e as finanças (CARLAN, 2013, p. 90).

A Dinastia Constantiniana e a Península Ibérica

Nesse sentido, Tarragona, *Tarraco* romana, principal cidade e capital da Hispânia Citerior ou Tarragonensis, patrimônio mundial tombado pela UNESCO, desde 2000, serviu de base para as reformas realizadas por Constantino.

Sua fundação data do período republicano romano, graças a proximidade com Barcelona, ajudou a preservar os monumentos históricos. Pois, a partir do crescimento econômico e político de Barcelona, Tarragona fiou em um plano secundário na região. Assim, sofreu menos ações humanas de urbanização, sendo possível a preservação de grande parte dos monumentos romanos, visigodos, árabes e medievais.

Um desse monumentos, localizado na cidade de Constantí, Constantino em catalão, próximo a Tarragona, está diretamente relacionado a dinastia constantiniana que governou o Império durante boa parte do século IV.

O monumento em questão, Vila Romana de Centcelles, cem casas em catalão, leva esse nome em relação a sua imponência. A construção original, data do século I da Era Cristã, porém, foi reformada durante o século IV, ampliada e transformada em vila imperial.

A ampliação da Vila, sendo transformada em uma Vila Imperial, deve-se ao Imperador Constante (320-350), filho mais novo de Constantino I e Fausta. Após a morte do pai, coube a Constante uma parte do império: Itália, Ilíria e África Proconsular. Seu irmão mais velho, Constantino II, ficou com a Gália, Britânia e Hispânia. Constâncio II, irmão do meio, ficou com a parte oriental do império (CARLAN: 2023, 40).

Figura 1 - Mosaico parte superior da Vila Romana de Centcelles, Constantí, Tarragona, Catalunha / Espanha



Fonte: Claudio Umpierre Carlan, acervo particular, setembro de 2024.

Nota: Representação de treinamento dos cavalos e aurigas para os jogos, no círculo máximo de Tarragona, com cenas de caça (séc. IV).

Constantino II, numa tentativa de desestabilizar o governo de Constante, invade a Itália, em 340, sendo derrotado e morto pelo irmão. Assim, Constante herda a península ibérica, anexando aos seus domínios. Durante o ano de 350, Constante estabeleceu a Vila de Centcelles com base, para um rápido deslocamento para sul da Gália, que apresentava vários focos de revoltas.

Figura 2 - Entrada principal da Vila Romana de Centcelles



Fonte: Claudio Umpierre Carlan, acervo particular, setembro de 2024.

Nota: Vila Romana de Centcelles, Constantí, Tarragona, Catalunha / Espanha, depois da reforma do século IV, atribuída a Constante I, filho de Constantino.

Assim, esse período de reformas, tornam-se necessárias um variedades de cunhagens monetárias, que circularam na região, como objetivos variados. Desde o pagamento de legionários, agilizar o comércio local, quanto o fortalecimento da imagem imperial da família constantiniana, através da iconografia. Nesse sentido, analisaremos algumas dessas amoedações.

Graças ao estudo da iconografia, podemos notar toda essa simbologia que demonstra os ritos comemorativos numa transferência do poder instituído pelo governante. Apesar de Constantino ser considerado o primeiro imperador cristão, os ícones pagãos encontram-se expressos nessas peças. Essa simbologia irá se associar as representações tutelares e pagãs romanas, sendo mais bem aceitas pela população do império.

Dentro desse ponto de vista, devemos ter cuidado para não cometermos o que Bourdieu chama de “etnocentrismo inverso”, ou seja, atribuir a todas as sociedades, mesmo as consideradas mais “primitivas”, formas de capital cultural que só podem constituir-se a um nível determinado do desenvolvimento da divisão do trabalho (BOURDIEU & DARBEL: 2003; 41). Devemos pensar a moeda na Antiguidade, com

uma função específica dentro daquela realidade, que poderia ser política, social, administrativa, militar, religiosa e econômica; não devemos nos restringir apenas a economia. Até hoje, principalmente na Europa e Estados Unidos, a moeda ainda mantém o caráter propagandista. Como identificamos nas cunhagens monetárias de Franco, comemorando a vitória na Guerra Civil espanhola, ou nas moedas e nas cédulas de um dólar, que apresentam a formação dos Estados Unidos como uma nação.

A primeira moeda cunhada em Roma foi feita em 268 a.C.; e se chamava *denário* - termo que é a origem da palavra dinheiro! O denário era feito de prata e servia como base do sistema de moedas (monetário) de Roma. Ele também era fabricado no templo dedicado à deusa *Juno Moneta*, que deu origem às palavras “moeda” e “monetário”. (CARLAN & FUNARI: 2011; 34)

As moedas comemorativas cunhadas durante o período de edificação de Constantinopla como nova capital, serão analisadas separadamente, em outra oportunidade, por se tratar de um material especificamente ligado às cidades de Roma e Constantinopla. Somam-se um total de 53 moedas (CARLAN: 2004; 69).

Divindades Pagãs e Mitológicas

As representações das divindades não cristãs, foram de fundamentais importância no mundo antigo. Até os dias atuais, o governo turco adiciona divindades hititas as suas moedas. No caso de Roma, divindades tutelares, como o Gênio, protetora do lar, eram sempre representadas. Como podemos notar nas amoedações, e suas representações, presentes no acervo numismático do Museu Histórico Nacional, Rio de Janeiro:

Gênio, mesma imagem cunhada pelos seus antecessores da Tetrarquia (GENIO POP ROM) 2 moedas; Imagem feminina ao centro de um templo de seis colunas, acompanhada com frutas (CONSERVATORES KART SVAE) 7 moedas; templo da justiça onde os magistrados se reuniam (CONSERVATORES VRB SVAE) 1 peça; deus Marte, de uniforme militar, com ou sem escudo (MARTI CONSERVATORI) 2 moedas; Marte nu marchando para o combate, com um prisioneiro “bárbaro” (FVNDAT PACIS) 2 peças; Júpiter, mesmo modelo da Tetrarquia, acompanhado de uma águia com a coroa de louros (IOVI CONSERVATORI AVGG) 12 moedas; Imagem feminina representando a cidade de Roma (ROAME AETERNAE) 3 peças, Constantino em Pé (representado como a eterna piedade), com uniforme militar e o globo, cunhado após a sua morte (AETERNAS PIETAS) 1 moeda; Auriga conduzindo uma quadriga, sendo amparado por um a mão divina (sem legendas de reverso) 29 moedas; Loba com os gêmeos (VRBS ROMA) 1 exemplar; Justiça com a balança (IVST. VEM. MEN.) 1 exemplar; Sol Radiado, seminu, com globo, um chicote, com prisioneiro aos seus pés, amarrado (SOLI INVICTVS COMITI e SOLI INVICTO) 73 exemplares. Algumas dessas peças vêm acompanhada de uma cruz.

Votivas ou Laudatórias: a presença Ibérica

As votivas ou laudatórias, são amoedações destinadas a propagar ações e feito dos governantes, como um aniversário/jubileu, de governo, casamento, reformas administrativas, entre outras.

Globo subindo os céus, com os votos VOT XX, encimado por duas ou três estrelas, dependendo da variante. Legenda BEATA TRAMOVILLITAS, 10 exemplares; VOT XX circundado por uma coroa de louros (CAESARVM NOSTRORVM) 2 moedas; VOT XX *, VOT XX u, VOT XX Θ, VOT XXX u (DN CONSTANTINI MAX AVG) 32 moedas; VOT XX MVLT XXX 2 moedas.

Militares com representações da Vitória

Geralmente, essas cunhagens indicavam uma vitória militar, conquista, importante para o império. Enaltecia as legiões, e seu comandante. No caso, o próprio imperador.

Dois soldados montando guarda a dois ou um lábaro, dependendo da variante (GLORIA EXERCITVS) 88 exemplares; Imagem feminina, com globo, vitória, cetro e elmo (GLORIA ROMANORVM) 2 moedas; Vitória com coroa e um navio (LIBERTAS PVBLICA) 2 moedas; Campo militar, semelhante as cunhagens de Constâncio II. Segundo Cohen, portões de Trèves. Segundo Gomes Marques trata-se dos portões de Londres (PROVIDENTIAE AVGG) 34 moedas; Fortaleza ou campo militar, Constantino com uniforme militar (VIRTVS AVGG ou AVGVSTI) 2 moeda; Votos VOT XX, acompanhado de dois prisioneiros (VIRTVS EXERCITVS) 10 exemplares; Vitória marchando com troféu e conduzindo um prisioneiro (SAR MATIA DE VICTA) 6 moedas; Duas Vitórias, com votos VOT PR e altar (VICTORIAE LAETAE PRINC PERP) 30 moedas; Vitória acompanhada de coroas e palmas (VICTORIA AVGG NN) 4 moedas.

Principais Exergos e locais de cunhagens

Esses exergos ou linha de terra, identificam as casas monetárias, espalhadas pelo mundo romano, que deveriam abastecer o império com as mais variadas formas monetárias. Nesse sentido, nas cunhagens do Imperador Constantino, encontramos os seguintes símbolos e letras de identificação:

R*Q, RP, RS, RA, R*P, R*S, RΩP, RΩS, RΩP, RT, P*R, PuR (Roma), PTR, STR, TRP, PTRE (Trèves ou Trier), SCON, PCONS, ARLS, P*AR, S*AR, PARLS, SARC (Arles), PLC, PLN, *PLC (Lion), PUT, PT, ST (Ticinum), SMNT, SMNA, SMNE, SMNS (Nicomédia), AQT, AQP (Aquiléia), SMHA, SMHB, (Heracléia), TSAVI, .ΣΓHT, TSΓVI (Tessalônica), CONS, CONSM, CONST, CONSA (Constantinopla), SMANA, SMANS, SMANΓ, SMANE, SMANI, SMANB, SMANT, SMANTB, SMANN (Antioquia), SMKA, SMKS, SMKΔ, SMKE, SMKZ (Cízico), SAMALA, ALE, SMALB (Alexandria), SMTSΓ, TSA, SMTSE, SMTSB, TSA, TSM (Tessalônica), SIS, ASIS, ASSISu, BSISu, ESIS (Síscia), MOSTP, MOSTS (Óstia).

Essas legendas eram abreviaturas em latim; relacionadas às imagens de anverso e reverso; assim ocorrendo a união da escrita com a imagem. O receptor daquela peça; saberia identificar o seu governante e as; suas mensagens simbólicas. Existiam todas as espécies de signos, como figuras geométricas, signo de pontuação, astros, animais, vegetais, brasões, que levavam uma mensagem governante / governado, ao vasto mundo romano.

Considerações Finais

As cunhagens representando Constantino e seus atos políticos, não acabaram com a sua morte em 22 de maio de 337; continuando sendo fabricadas até 341. O *solidus*, moeda de ouro introduzida por ele, circulará por quase toda a Alta Idade Média Ocidental. As moedas e as medalhas comemorativas, com a personificação de Constantinopla, em que se comemora a consagração da cidade, será cunhada pelos seus filhos e herdeiros após 341.

Assim se estabeleceu padrões monetários novos e, representações nos reversos homenageando determinada legião. Com o confisco dos bens destinados aos templos pagãos, ampliou e reabriu as casas monetárias fechadas durante as décadas de 310 e 320, aumentando a circulação e o abastecimento do Império.

Depois de vinte anos de governo, através do efêmero sistema de tetrarquia de Diocleciano, o império recobra a paz sob o cetro de um único senhor: Constantino. Que, apesar de não retornar à antiga forma de governo de que seu pai fez parte, limitou-se, dois anos antes de sua morte, a partilhar o governo dos territórios imperiais em cinco partes: três, as maiores, seriam entregues a seus três filhos; as duas outras, a três de seus sobrinhos. Ou seja: coube ao filho mais velho, Constantino II, a Bretanha, a Gália e a Espanha; Constâncio II ficou com a rica parte oriental do Império que, desde 333, governava como César em Antioquia; o mais jovem, Constante, ficou com a Itália, a África e a Panônia. Os primos Flávio Júlio, Dalmácio e Anibaliano ficaram, respectivamente, com os Balcãs e a Ásia Menor. Alguns autores chegaram a afirmar que Constantino teria a intenção de, bem antes de Merovíngios e Carolíngios, levar à aplicação um conceito patrimonial do Estado monárquico. Tal afirmação é discutida por Rémondon que, usando como base o testemunho numismático, afirma que Constantino havia pensado em seu filho mais velho, Constantino II, como herdeiro do império (RÉMONDON: 1973, 72). Acreditamos que ele pretendia legar uma diferente organização política para aquele que o sucederia como coordenador e administrador. A morte não lhe deu tempo para isso. E se realmente, como afirmou Rémondon, a ideia de Constantino era que o seu filho mais velho lhe sucedesse, por que a parte mais rica do império ficaria com o filho do meio, Constâncio? Não podemos esquecer que Constâncio II foi considerado pela posteridade como o mais eficiente administrador dentre os herdeiros do pai.

Como podemos analisar nessa cunhagem:

Figura 3 - Moeda de Bronze, cententalis, Imperador Constâncio II (Anverso)



Fonte: Acervo Museu Histórico Nacional, Rio de Janeiro, 2000.

Figura 4 - Moeda de Bronze, cententalis, Imperador Constâncio II (Reverso)



Fonte: Acervo Museu Histórico Nacional, Rio de Janeiro, 2000.

Descrição da Moeda

ANVERSO: DN CONSTAN-TIVS PF AVG – busto de Constâncio II, diademado à direita. Nessas cunhagens, *centenional*, imperador é representado com manto, globo na mão direita. Globo, símbolo da perfeição e do poder imperial. Centenional, eram moedas de bronze cunhadas por Constantino I, o grande, pai de Constâncio II, a partir do ano de 330, pesando aproximadamente 4 gramas. Essa denominação foi criada no século XIX. Nome original dessa cunhagem, ainda é desconhecida.

REVERSO: FEL TEMP REPARATIO – Gênio, divindade geradora que presidia ao nascimento de alguém ou divindade tutelar de cada pessoa, com a cornucópia (símbolo da abundância) na mão esquerda. *Genius* poderia identificar também o talento, mérito, beleza, glória, valor pessoal do imperador. À direita uma coroa de louros. Ao lado da divindade as letras S F, que identificam as cunhagens de Diocleciano. O jogo de quadril da divindade significa que ela está tanto no plano natural, quanto no sobrenatural. No exergo ou linha de terra, ALE referente a casa monetária de Alexandria. Peso: 9,78 g; diâmetro 2,02 mm; alto reverso 6 horas.

Os três filhos de Constantino – Constantino II, Constâncio II e Constante – e dois sobrinhos, filhos de seu meio-irmão Flávio Dalmácio, Júlio Dalmácio e Anibaliano, todos com idade para governar, causando transtornos a sua sucessão. Tentou estabelecer um sistema em que todos participassem do governo, mas depois de sua morte, esse sistema foi destruído por suspeita mútua entre filhos e sobrinhos, o que levou a um massacre em que seus filhos saíram ganhando. Fortalecendo a imagem de Constâncio II, apesar de não ser o mais velho, como herdeiro da administração paterna. Ao massacre sobreviveram os jovens primos de Constâncio: Constâncio Galo, nomeado *César* em 351, condenado a morte por traição em 354; e Juliano, imperador de 360 a 363. Ambos os filhos de Júlio Constâncio, segundo meio irmão de Constantino, também morto no massacre.

Governante e administrador hábil e eficiente, divide com Diocleciano o crédito principal da própria existência do Império Romano nos séculos IV e V. Os longos anos de estabilidade proporcionados pelo seu reinado possibilitaram um genuíno renascimento da vida civil e pública do período.

Agradecimentos

A Adailson José Rui e Ariana Vidotte, pela oportunidade de trocarmos ideias; Pedro Paulo Funari, José Remesal, Antonio Aguilera.

Ao apoio institucional do CNPq, CAPES, FAPEMIG e da Unifal-MG.

Referências Bibliográficas

Fontes Numismáticas:

Moedas de Constantino I, o Grande e Constâncio II. Rio de Janeiro: acervo do Museu Histórico Nacional, Medalheiro de Número 3; Lote Número: 11, Lâmina de Número: 2 e lote 16 número 5.

Fontes Impressas

EUSEBIUS PAMPHILI, Bispo de Cesarea. 1902. De Vita Constantini. V. 7. Lib. I. Leipzig: Texto da Edição I. A. Heikel.

LACTÂNCIO. 1954. De Mortibus Persecutorum. Paris: Ed. J. Moreau.

Catálogos

CAYON, Juan R. 1985. Compendio de las Monedas del Imperio Romano. V.2. Madrid: Imprenta Fareso.

STANDARD CATALOGUE OF BRITISH COINS. 1995. Coins of England and the United Kingdom. 30th Edition. London: Edited by Stephen Mitchell and Brion Reeds.

THE ROMAN IMPERIAL COINAGE. 1983. Edited by Harold Mattingly, C.H.V. Sutherland, R.A.G. Carson. V. VI, VII, VIII. London : Spink and Sons Ltda.

Referências bibliográficas

BOURDIEU, Pierre. e DARBEL Alain. 2003. O Amor pela Arte : os museus de arte da Europa e seu público. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Zouk.

BRUUN, Patrick (1991). Studies in Constantinian Numismatics. Papers from 1954 to 1988. Acta Instituti Romani Finlandiae. V. 12. Rome: Illus.

CARDOSO, Ciro Flamaron S. e MALERBA, Jurandir (orgs). 2000. Representações: contribuição a um debate transdisciplinar. Campinas: Papirus.

CARLAN, Cláudio Umpierre. FUNARI, Pedro Paulo Abreu. 2012. Moedas: a numismática e o estudo da História. São Paulo: Annablume.

CARLAN, Cláudio Umpierre. 2013. Moeda e Poder em Roma: um mundo em transformação. São Paulo: Annablume.

CARLAN, Cláudio Umpierre. 2023. Moedas, propaganda e poder. As moedas do imperador Constâncio II (317-361) e a acervo do Museu Histórico Nacional. São Paulo: Fonte Editoria.

.FLORENZANO, Maria Beatriz B. 1984. Numismática e História Antiga. In: Anais do 1º Simpósio Nacional de História Antiga. João Pessoa.

FUNARI, Pedro Paulo de Abreu. 2002. Grécia e Roma: vida pública e privada. 2^ª ed. São Paulo: Contexto.

PASTOUREAU, Michel. 1988. Coleurs, images, symboles. Études d'Histoire et d'Anthropologie. Paris: Léopard d'Or.

VIEIRA, Rejane Maria Lobo. 1995, Uma grande coleção de moedas no Museu Histórico Nacional? In: Anais do Museu Histórico Nacional, volume 27.